

AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DA PERIIMPLANTITE NA PERCEPÇÃO DE CIRURGIÕES-DENTISTAS QUE TRABALHAM COM IMPLANTES EM CLÍNICAS PRIVADAS

Fernanda Perini Fruett^a, Patricia Regina Deon Pissetti^{a*}

a) Centro Universitário da Serra Gaúcha - FSG

*Autor correspondente (Orientador)

Patrícia Regina Deon Pissetti, Mestre em Odontologia- ênfase em Periodontia. Endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-472.

Palavras-chave:

Osseointegração. Diagnóstico. Manutenção.

INTRODUÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A reabilitação com implantes dentários é um dos maiores avanços da Odontologia nas últimas décadas, permitiu que pacientes parcialmente ou totalmente edêntulos pudessem ter sua função mastigatória reestabelecida de forma eficiente e segura. Entretanto, a perda de implantes ósseointegrados é uma realidade que precisa ser melhor entendida e prevenida. A periimplantite é uma doença que causa inflamação nos tecidos de suporte ao redor do implante e perda óssea, é de difícil tratamento e a maior responsável pela perda de implantes ao longo dos anos, por isso a necessidade de um controle frequente. O objetivo desse estudo é analisar a prevalência da periimplantite na percepção de cirurgiões-dentistas que trabalham com implantes, bem como seus fatores de risco e métodos de diagnóstico. Esse estudo também busca conhecer protocolos clínicos eficazes para consultas de manutenção. **MATERIAL E MÉTODOS:** Foram entrevistados 56 cirurgiões-dentistas por meio de questionários autoaplicáveis com perguntas objetivas e dissertativas em conformidade com o Comitê de Ética em Pesquisa da instituição. Os participantes do estudo foram separados em 4 grupos distintos e de igual número de acordo com sua especialidade e necessitavam ter especialização, mestrado ou doutorado nas seguintes áreas da Odontologia: Implantodontia, Prótese, Periodontia e Cirurgia Buco-Maxilo-Facial, com experiência mínima de 5 anos com implantes. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Para a maioria dos profissionais entrevistados (53,57%), a periimplantite ocorre em menos de 5% dos implantes instalados. Esses valores são menores dos que os achados em uma revisão sistemática realizado por Mombelli et al.,(2012), no qual a prevalência encontrada foi de 10% dos implantes. Estudos específicos realizados no Brasil por Ferreira et al.,(2006) e por Buttendorf (2012)

concluíram que a periimplantite ocorre em 7% e 7,4%, respectivamente. Comparando entre as especialidades, a maior prevalência foi encontrada no grupo dos periodontistas seguido por implantodontistas, protésistas e cirurgiões buco-maxilo-faciais. Quanto ao método de diagnóstico da doença, 49% dos entrevistados afirmaram utilizar o exame clínico (sinais clínicos inflamatórios e sondagem periimplantar) associado a exames de imagem. Esse é o único método possível, visto que o diagnóstico da periimplantite requer a mensuração da profundidade de sondagem, ocorrência de sangramento ou supuração à sondagem, sinais clínicos inflamatórios e exame radiográfico para análise do nível ósseo. A ocorrência das consultas de manutenção também foi uma questão abordada, 96,43% dos profissionais entrevistados afirmaram realizar esse tipo de consulta. Quanto a frequência dessas consultas, 58,93% dos dentistas realizam com um intervalo menor ou igual a 6 meses. Em uma revisão sistemática realizada por Monje et al., (2015), foi afirmado que o intervalo máximo entre as consultas deve ser de 6 meses, mas acrescentaram que esse período deve ser customizado de acordo com o perfil de risco de cada paciente. Apenas 7,14% dos dentistas entrevistados utilizam o protocolo clínico indicado por Hartshorne (2016) para esse tipo de consulta: exame clínico, radiográfico, profilaxia e instrução de higiene bucal. Higiene oral deficiente (100%), tabagismo (98,21%), histórico de doença periodontal (94,64%), cimento residual (92,86%) e diabetes descompensada (89,29%) foram os principais fatores de risco à periimplantite apontados pelos profissionais entrevistados. **CONCLUSÃO:** A menor prevalência da periimplantite encontrada nesse estudo pode ser devido a diversos fatores: desconhecimento dos cirurgiões-dentistas a respeito do diagnóstico da doença ou uso de métodos inadequados ou insuficientes para fazê-lo, falta de protocolos para manutenção periimplantar, população estudada ou tempo de acompanhamento. Consultas de manutenção são fundamentais para prevenir a ocorrência da doença ou para identificá-la precocemente, aumentando as taxas de sucesso dos implantes em longo prazo e, por essas razões, jamais devem ser negligenciadas pelos cirurgiões-dentistas. Pacientes com higiene oral deficiente, fumantes, com histórico de doença periodontal, diabetes descompensada, além dos que apresentam cimento residual em próteses, tem mais chances de desenvolver a periimplantite na percepção dos profissionais entrevistados.

REFERÊNCIAS

BUTTENDORF, A. R. **Prevalence of peri-implant diseases. The risk indicators.** Florianópolis: UFSC, 2012. Tese (Doutorado em Implantodontia), Programa de Pós-Graduação em Odontologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

FERREIRA, S. D.; SILVA, G. L. M.; COSTA, J. E.; COSTA, F. O. Prevalence and risk variables for peri-implant disease in Brazilian subjects. **Journal of Clinical Periodontology** , v.33, p 929-935, 2006.

HARTSHORNE, J. Is peri-implant maintenance therapy(PIMT) important for preventing peri-implant disease? **International Dentistry–African Edition**, v.6, n.2, p. 24-33, 2016.

MOMBELLI, A.; MULLER, N.; CIONCA, N. The epidemiology of peri-implantitis. **Clinical Oral Implants Research**, v.23, p.67-76, 2012.

MONJE, A.; ARANDA, L.; DIAZ, K. T.; ALARCÓN, M. A.; BAGRAMIAN, R. A.; WANG, H. L.; CATENA, A. Impact of Maintenance Therapy for the Prevention of Peri-Implant Diseases: A Systematic Review and Meta-analysis. **Journal of Dental Research**, 2015.